
CAMINHO BORDADO A FÉ: MAPEANDO PRÁTICAS INSURGENTES DE CUIDADO E CURA NO QUILOMBO DE MATA CAVALO

A WAY EMBROIDERED TO FAITH: MAPPING INSURGENT CARE AND HEALING PRACTICES IN THE QUILOMBO DE MATA CAVALO

Flávia Lorena Brito e Edson Caetano

**Edição electrónica**

URL: <https://journals.openedition.org/pontourbe/11772>

DOI: 10.4000/pontourbe.11772

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

Flávia Lorena Brito e Edson Caetano, «CAMINHO BORDADO A FÉ: MAPEANDO PRÁTICAS INSURGENTES DE CUIDADO E CURA NO QUILOMBO DE MATA CAVALO», *Ponto Urbe* [Online], 30 v.1 | 2022, posto online no dia 09 julho 2022, consultado o 18 outubro 2023. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/11772>; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.11772>

Este documento foi criado de forma automática no dia 18 de outubro de 2023.



Apenas o texto pode ser utilizado sob licença CC BY 4.0. Outros elementos (ilustrações, anexos importados) são "Todos os direitos reservados", à exceção de indicação em contrário.

CAMINHO BORDADO A FÉ: MAPEANDO PRÁTICAS INSURGENTES DE CUIDADO E CURA NO QUILOMBO DE MATA CAVALO

*A WAY EMBROIDERED TO FAITH: MAPPING INSURGENT CARE AND HEALING
PRACTICES IN THE QUILOMBO DE MATA CAVALO*

Flávia Lorena Brito e Edson Caetano

INTRODUÇÃO

A Medicina Popular tem suas raízes nas práticas de cuidado e cura do povo, podendo variar de acordo com a região onde é realizada. Ancestralmente, os processos de cuidado e cura estão vinculados a uma vida plena, que tem a ver não com doenças, mas com uma existência digna, alegre e comunitária. Segundo Oliveira (1985a, p. 8),

A Medicina Popular é realizada em diferentes circunstâncias e espaços (em casa, em agências religiosas de cura) e por várias pessoas (pais, tios, avós), ou por profissionais populares de cura (benzedoras, médiuns, raizeiros, ervateiros, parteiras, curandeiros, feiticeiros). Nesta perspectiva, a Medicina Popular é uma prática de cura que oferece respostas concretas aos problemas de doenças e sofrimentos vividos no dia-a-dia.

É nessa perspectiva que buscamos apresentar o mapeamento das práticas da Medicina Popular, aqui chamadas Práticas Tradicionais de Cuidado e Cura, no Quilombo de Mata Cavalo, município de Nossa Senhora do Livramento/MT¹. Ali sua importância não está restrita à cura de enfermidades em si, mas ainda à ancestralidade e história do Quilombo, à partilha de saberes e fazeres, à fé e, conceito central para a compreensão dos processos de cura e cuidado tradicionais/ancestrais, à dádiva ou dom. O exemplo de povos originários e comunidades tradicionais, apesar de todas as contradições que

enfrentam pela manutenção de seu modo de vida, expressa a possibilidade de outras formas de produção da existência.

O Quilombo de Mata Cavalo está localizado a cerca de 50 km da capital de Mato Grosso, Cuiabá, na Baixada Cuiabana, sendo seu bioma predominante o Cerrado. A região vem sendo ocupada de forma crescente, já que o Cerrado, de berço de vida para as diversas populações tradicionais que ali habitam ancestralmente, passa a ser visto como terra fértil para o agronegócio, promovendo uma relação bastante danosa com a terra, onde se apaga seu valor de uso e sobressai seu valor de troca.

Nesse cenário de contradições, a população quilombola de Mata Cavalo re-existe², constituindo e consolidando seu território pela força da tradição ancestral, da identidade quilombola e da luta de suas lideranças. Dentre as formas de re-existir no território, ressaltamos a prática da Medicina Popular, por ser significativa em Mata Cavalo. A sabedoria ancestral presente na Medicina Popular é repassada de geração em geração, sendo que a cada uma delas e de acordo com as vivências e o contexto histórico, adaptações e novas descobertas vão sendo feitas. Buscamos aqui apresentar o mapeamento das práticas de cuidado e cura de Mata Cavalo para, a partir dele, compreender e evidenciar as formas de aprender, ensinar e atualizar tais ofícios. Percebemos que essa prática de cuidado e cura pressupõe o diálogo e o respeito à ancestralidade, às divindades e à natureza, num processo de produção e compartilhamento de saberes complexos a partir dos saberes da experiência³.

A realização do mapeamento faz parte do projeto de extensão “Conhecimentos tradicionais e o direito de reconhecimento de benzedeadas e benzedores do Quilombo de Mata Cavalo/Nossa Senhora do Livramento⁴”, submetido à FAPEMAT – Fundação de Amparo à Pesquisa em Mato Grosso, por meio do Edital 003/2021 Extensão Tecnológica, Conhecimento a Serviço da População.

MAPEANDO PRÁTICAS DE CUIDADO E CURA: UMA COSMOLOGIA DE SABERES RE-EXISTENTES

O mapeamento das práticas de cuidado e cura em Mata Cavalo se ocupou dos saberes culturais situados no âmbito do ofício da benzeção, raizadas, garrafadas, chás e outras beberagens, que remetem aos saberes ancestrais, tradicionais, populares e da experiência. Assim, entendemos os saberes enquanto conhecimentos gestados a partir de um contexto e uma prática social e cultural.

Dentre as práticas de cuidado e cura mapeadas, a benzeção foi a que mais encontramos. Prática da medicina popular, a benzeção se realiza por meio de uma relação dual entre a pessoa que benze e a que está sendo benzida. Nessa relação, a benzedeadada ou benzedor exerce um papel de intermediação com o sagrado, por meio do qual tenta obter a cura; em geral, se utiliza de alguma prece, ramos, ervas, chás e outras beberagens, além de objetos específicos de acordo com o tipo de benzeção. Conforme Andrade,

A Benzedura é a cura de diversos males através de rezas e orações, ramos verdes, remédios naturais, rituais de cura, entre outras formas. Está presente em todo território brasileiro, são práticas ligadas às religiões e a modos de fazer tradicionais de cada região, podendo assumir diversas formas, mas todas facilmente reconhecidas sob o título de benzeduras. (ANDRADE, 2019, p. 20)

A benzeção constitui-se num espaço de re-produção de modos de existência por meio de práticas de cura e cuidado que são comunitárias, solidárias, populares e totalmente

acessíveis a quem quer que seja, constituindo suas práticas de acordo com a memória e a materialidade (bioma, disponibilidade de plantas e ervas, conflitos socioculturais e ambientais nos quais os sujeitos estão inseridos).

Ao estabelecer sua relação com o sagrado, benzedeadas e benzedores criam um sistema de trocas com essas divindades; tais trocas não necessariamente resultam em bem materiais, o que termina por lhes restar um modo de vida comumente humilde. Notamos que se criam ali laços de amorosidade, solidariedade e fraternidade comunitários e que são resistentes ao sistema capitalista.

Os presentes em forma de alimentos (mel, melado, cerveja caseira, feijão crioulo, ovos caipira, galinha caipira, leite, manteiga, doces de frutas), mudas e sementes (plantas medicinais, alimentícias e florais), roupas, calçados, utensílios domésticos (pano de prato, toalha de banho, potes de plástico), artigos religiosos (velas, terços, livros, imagens de santos), lenha e palha; e os serviços como trazer lenha, dar caronas, fazer favores que concernem em entregar recados, buscar e trazer coisas, estabelecem reciprocidade entre benzedeadas e visitantes. Ação conformada pelo dar e receber, que extrapola a transação do benzimento, sendo uma regra que integra o modo de vida das benzedeadas e de suas comunidades. (LEWITZKI, 2019, p. 44)

É o que nos conta Dona Estevina: “Entrego na mão de Deus, pra Deus curar a pessoa que tá precisando curar, se curar. Enquanto existe vida que a pessoa precisar de mim minha fia, Deus vai curar a pessoa. Mais eu num quero dinheiro não.” (Dona Estevina, benzedeadas e raizeira, 61 anos).

Conforme Mauss (2017), as trocas de presentes ou o oferecimento de dádivas possuem outra essência, bastante distinta daquela que reconhecemos no modo de produção capitalista. “No fundo, são misturas. Misturam-se as almas nas coisas; misturam-se as coisas nas almas. Misturam-se as vidas e eis como as pessoas e as coisas misturadas saem, cada uma, das suas esferas e se misturam: o que é precisamente o contrato e a troca.” (MAUSS, 2017, p. 90)

Percebemos como as trocas de dádivas carregam muito mais que um valor material, mas fazem parte do ritual de significação dos sentimentos e dos costumes. Existem coisas que têm tanto valor que o dinheiro não dá conta delas. A dádiva possui seu valor pelo que ela representa inserida no costume.

Assim como nos processos percebidos por Mauss como a economia do dom (ou dádiva), benzedeadas e benzedores em geral não são capazes de negar a cura a quem quer que seja, sendo essa uma missão divina: “Não cobro! Eu benzo é mesmo por gostar de fazer o bem pras pessoas.” (Dona Berenice, benzedeadas, 64 anos). Dona Paulina também explica essa relação ética que ela estabelece com a dor e a cura.

Eu nunca cobreí, nem falo e falo que também num vô cobrar porque nós tá benzendo, as vezes traz uma criança, (...) então se nós cobrar aquela benzeção a mãe falava isso pra mim, falou pra mim antes dela morrer ela falou assim ‘aqui se ocê cobrar uma benzeção nós tá cobrando dor dos outros’... Então sabe pá benzer num é pra cobrar né? (Dona Paulina, benzedeadas, 70 anos.)

Tangencialmente, as falas de Dona Berenice e de Dona Paulina nos remetem à crítica da mercantilização da dor e da cura que pode nos levar a perceber a saúde como mercadoria. Cobrar pelos benzimentos seria como agenciar a cura divina. Reconhecendo-se como portadores e portadoras de um dom divino, seguem oferecendo a cura e realizando uma espécie de intermédio, por meio de orações e pedidos de bênçãos a Deus e a santos e santas de sua devoção, que também podem ser específicos de acordo com o tipo de mal para o qual buscam cura: “É... tem que ser, a devoção com

o santo, né. Tendeu? O valor da benção... Pá cobra é São Bento. Porque livra dos, dos bicho peçonhento. Primeiramente Deus e São Bento.” (Seu Arnaldo, benzedor, 72 anos). Assim como percebido em Mauss (2017), ao utilizar o termo “valor” para especificar o poder de cura de seu benzimento, seu Arnaldo demonstra uma relação de reciprocidade com a pessoa enferma e ainda com a santidade que auxilia no processo de cura (no caso da mordedura de cobra, Deus e São Bento), relação esta contida no processo de dádiva.

Conforme Godelier (2001), o enigma do dom não se encontra na coisa dada em si: a economia da dádiva tem um fundamento social. A permanência de relações cotidianas que transformam as relações sociais, culturais, econômicas, encontra-se no nível do que Thompson (2005) conceitua como o costume. É a partir dele que refletimos sobre a experiência e a permanência de relações entre povos originários e comunidades tradicionais e que proporcionam a existência e a re-existência do dom-dádiva. O dom está presente em relações que não são determinadas pelo sistema capitalista, em relações familiares e de vizinhança, onde o dinheiro e o valor monetário não predominam.

A construção do mapeamento

O processo de mapeamento em Mata Cavallo, além de localizar quem se ocupa do ofício de cura e de cuidado, dando uma dimensão da prática, busca colocá-los ativamente no processo de reconhecimento social de seus ofícios. Concordamos com Silva; Jaber (2014), no tocante às identidades coletivas:

As lutas das comunidades quilombolas somam-se às lutas de uma gama de grupos sociais que trazem uma identidade étnica e defendem outra territorialidade, com seus diferentes modos de vida e diferentes significações dos territórios. É preciso saber ouvir as vozes destes grupos que têm projetos de vida e ocupação do território diferenciados da grande maioria hegemônica do capital. Mais que isso, é preciso dar voz a estes esquecidos do modelo implantado, para que estes sejam protagonistas fortalecidos na luta pela defesa de seus territórios, modos de vida e identidades. (p. 13)

Realizadas de forma participativa, as pesquisas que envolvem mapeamentos e autorreconhecimento junto a povos originários e comunidades tradicionais potencializam a luta comum pela garantia e ampliação dos territórios, fortalecendo a reivindicação de direitos a partir das identidades coletivas. Ao longo do processo de mapeamento em Mata Cavallo foram localizados 22 benzedores e benzedoras, raizeiros, raizeiras, garrafeiros e garrafeiras, pais de santo e fazedoras de chás. Percebemos que o processo de autoidentificação, quando realizado em grupo, potencializou os sentidos e os sentimentos com relação a seus saberes.



Imagem 1: De pé, dona Gaúcha e Maria Nailza apontando a localização de seus sítios
Fonte: acervo do GEPT (23/11/2021). Créditos da imagem: Edson Caetano



Imagem 2: dona Jacira apontando a localização de seu sítio
Fonte: acervo do GEPT (23/11/2021). Créditos da imagem: Edson Caetano

Após a autoidentificação e localização (de forma coletiva), visando tornar o mapa acessível e esteticamente vinculado às vivências pessoais/sentimentais dos sujeitos, optamos por bordá-lo e só então digitalizá-lo.

Imagem 3: Mapa de práticas Tradicionais de Cuidado e Cura – Quilombo de Mata Cavallo

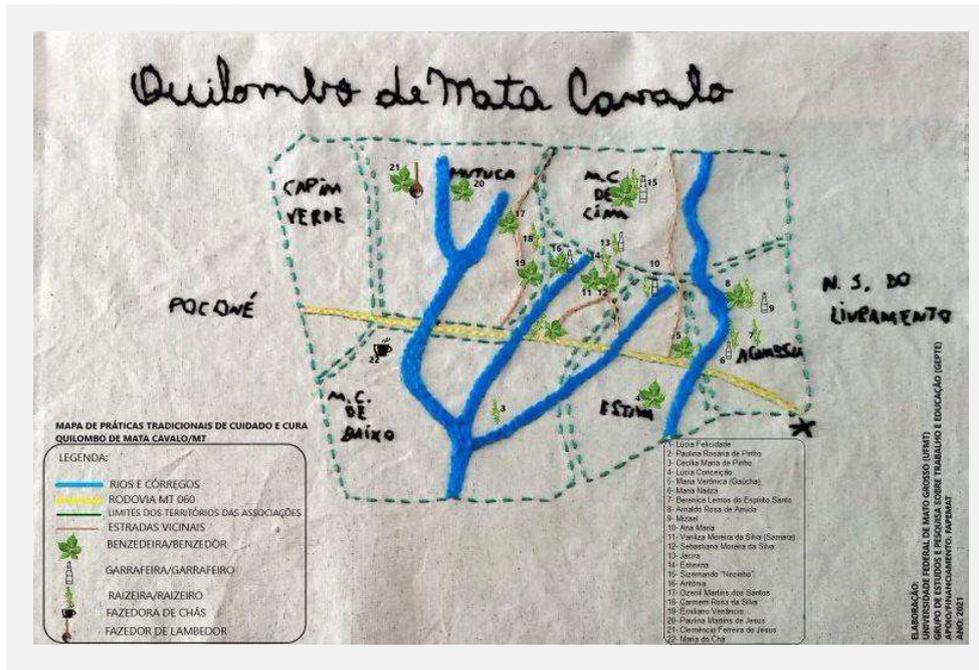


Imagem 3: Mapa de práticas Tradicionais de Cuidado e Cura – Quilombo de Mata Cavallo

Elaboração: Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho e Educação (GEPT/PPGE/UFMT)

Ano: 2021

“E ENQUANTO VOCÊ REZA, VÁ FAZENDO”

Dentre as pessoas mapeadas, observa-se algumas formas de se desenvolver o dom e também de aprimorá-lo. Ao longo do processo de mapeamento, nas conversas e entrevistas, pudemos ouvir relatos de pessoas que se descobriram benzedeiros benzendo. É o caso de uma criança da comunidade, neta de uma raizeira, sobrinha-neta de outra benzedeira, bisneta de parteira. Dona Paulina, sua tia-avó, percebe a criança como benzedeira, embora ninguém a tenha ensinado diretamente:

é que nem a neta dessa daqui (apontando para dona Lúcia Felicidade, avó da criança), ela num sabe que a Nanda vai ser benzedeira. Ela já pede pra benzer. Um dia cheguei lá ela pegou e falou assim, primeiro eu benzi ela depois ela falou assim ‘tia, deixa eu benzer a senhora’ e pegou a foia diz que foi me benzer. Quem é que fala? (Dona Paulina, benzedeira, 70 anos).

São as sabedorias das vivências, conforme Albuquerque; Sousa (2016), do “Aprender de ninguém, aprender olhando ou por influência”. Nascida entre benzedeiros, criou-se como uma observadora aprendente, ativa. Já conhece as plantas de chás, os gestos das orações, as rezas que curam, a postura de benzedeira. Assim foi com dona Benecia:

Eu aprendi com meu pai. Quando criança, na casa do meu pai vivia cheio de gente pra benzer, o meu pai curava gente que descrençava de médico, médico falava ‘vai pra casa morrer, cê num tem mais cura’, ele ia lá em casa no meu pai pra benzer. Então toda vez que meu pai ia benzer eu fazia questão de ficar pertin, só pra mim assuntar, só d’eu ver o jeito da boca que meu pai falava eu fui aprendendo. (Dona Benecia, benzedeira, 64 anos)

A partir da observação e admiração pelos processos de cura de seu pai, dona Benecia desenvolveu seu dom (ou habilidade) para também curar e ajudar as pessoas.

Percebemos que os saberes vinculados às práticas tradicionais de cuidado e cura possuem grande elaboração e complexidade, e em geral seus detentores são aquelas e aqueles que receberam o dom⁶ de alguém (um familiar/amigo, um ente da natureza, uma divindade). Isso pode acontecer de forma intencional, como um gesto de ensino, ou pelo convívio e pela observação, em geral desde a infância. Seu Emiliano, por exemplo, acredita na importância de se ensinar a benzeção para as outras pessoas, para que o ofício não deixe de existir.

Eu já benzi muito e ainda tô benzendo. E o povo que benzia, tá morrendo. Tá cabando. Então ela falou um, um, um ditado que tá cabando, as pessoas que benze. Né? Então ocê tem que olhar e retificá que no lugar que a gente tá tem que ficar outro (...) Então a gente mexe, cê já vai preparando outra pessoa para que signifique que fique no seu lugar. Porque o troço ele vai andando, retificando, ele num fica parado. Isso aqui gira como se fosse o mundo, o mundo é uma bola, mas tem gente que fala assim 'o mundo é parado', não! O mundo gira, a Terra gira. Hum. Ela gira. Então nós giramos junto, então nós temo que fazer e deixar porque um dia se nós faltá, tem aquele pra cobrir, aquele nosso componente, aqueles que tão nascendo, né? E vem subindo. Esse nós temos é obrigatoriamente deixar esses ensinamentos porque próprio a palavra de Deus cobra! (Seu Emiliano, benzedor, 67 anos).

Apesar de alguns benzedores acreditarem que o dom vem de uma revelação divina ou sonho, seu Emiliano demonstra que a benzeção pode se desenvolver também a partir de um processo de ensino-aprendizagem direto, sendo esse processo visto como uma missão dada por Deus, para que a benzeção não deixe de existir. Chama ainda atenção, na fala do benzedor, a complexidade de sua visão de mundo e de como ele se relaciona de forma direta com sua ancestralidade e com sua comunidade, que ele compara com o mundo, que gira, assim como as relações cotidianas, as vivências, as aprendizagens.

É assim que dona Samara, uma das benzedoras mapeadas, entende essa relação com os saberes:

Cada um tem um dom. Né? Então Deus já deu aquele dom pra cada um de nós, né? Então todos têm um, uma grande importância, né. Mas eu nunca olhei por esse lado. Acho que quando a gente benze uma pessoa a gente tá ali conectado com a natureza, com Deus primeiramente e a natureza, né e é Deus que faz, a gente só é instrumento dele, né então assim, nós a gente só segue aquilo que Deus coloca no nosso coração, né. Então eu tive esse privilégio aí né de de ganhar essa bênção de deus. (Dona Samara, benzedora e raizeira, 60 anos.)

Saber ouvir os desígnios de Deus e da natureza é uma habilidade destacada entre aqueles e aquelas que se ocupam do ofício de cura e cuidado, conforme reflete Dona Samara. Ter ouvidos e sensibilidade para o que a natureza e o sagrado ensinam é um saber fundamental. Além disso, mesmo diante de tanta sabedoria e poder de cura, observa-se a necessária humildade: apequenar-se diante de Deus e da natureza, já que são eles que curam. Foi a lição que seu Ozenil aprendeu com o senhor que lhe ensinou o ofício da benzeção: “Ele falou assim pra mim: olha, quem for procurar o senhor pra benzer, senhor fala que não é o senhor que vai benzer, quem vai benzer é Deus, né. Tenha fé em Deus. Aí assim eu fazia. Aí tudo que eu benzia, tudo fica bom.” (Seu Ozenil, benzedor, 59 anos).

Seu Clemêncio, que além de benzer faz lambedores⁷, explica assim sua relação com Deus no processo de cura: “Num é eu, é Deus, Deus que tem que... eu peço pra ele. (risadas) É ele que dá o dom. Muitos falam: ‘- É eu!’ Eu não, eu num sou ninguém. (risos) Quem dá é ele. Então eu falo pr’ocê que eu tenho a confiança no que eu falo pr’ocê.” (Seu Clemêncio, benzedor, 76 anos). Quando ele me afirma que ele tem confiança no que fala

pra mim, ele se refere à confiança de quem está guiado pelo Divino. Seu Clemêncio não teve intermediários em seu processo de aprendizagem da benzeção. Segundo ele, recebeu o dom diretamente de Deus. Nesse trecho de nossa conversa ele explica:

- **Seu Clemêncio, é, o senhor é benzedor né? O senhor faz orações pelas pessoas, ora pra Deus né, pra Deus dar a cura né...**

Ah, oro sim.

- **Com quem que o senhor aprendeu benzer?**

Eu?

- **É!**

Não... ?? Deus que me deu essa inclinação pra mim.

- **Deus que deu.**

É, Deus que me deu. Ninguém me ensinou, foi providência divina. (Seu Clemêncio, benzedor, 76 anos)

Eles e elas são instrumentos, não passivos. Pelo contrário: há um gesto intencional de aprender e um gesto intencional de manter-se no ofício. Não é como um milagre de fé: há que se considerar a materialidade e a intencionalidade com que tais sujeitos atuam nos processos de cuidado e cura. Seu Clemêncio, mesmo tendo recebido o poder de cura para realizar benzeções, nos afirma que sempre tem que estudar: “Aí duns tempo pra cá eu vim assim analisando porque hoje quem num estuda num aprende nada né?!” (Seu Clemêncio, benzedor, 76 anos).

Geralmente esse desejo de aprender o ofício aparece ainda na infância, por meio da observação ativa.

Olha quem me ensinou eu benzer foi a minha vó. Eu era criança ainda, mais eu era curiosa demais. (...) O remédio ela me ensinou, pra rancar as raiz, eu, nós, ficava tudo era curiosa ia junto com ela, aí ela falava ‘isso aqui é bão pra tal coisa, isso aqui é bão pra tal coisa’ aí assim... depois eu falei, eu vou sozinha, o trem é bão pra mim memo, eu já fazia pras minha criança quando eles casaro que ganhou criança tudo eu sempre memo que faço o remédio pra eles. (Dona Paulina, benzedora, 70 anos)

Seu Ozenil também relata ter sido uma criança curiosa, e que por meio da curiosidade foi aprendendo o ofício da benzeção com um outro benzedor:

(...) foi assim: eu trabaiava numa fazenda, aí ele morava lá nessa fazenda né. Aí um dia... aí nós tava lá a criançada brincando ele tinha uns moleque lá tamém, aí meu tio tava com dor de dente. Aí ele tava benzeno e eu tô ali olhando ele, né, curioso... (risos). Aí foi ino ele perguntou pra mim se eu queria aprender benzer. Aí eu fui, falei pra ele que queria né? Aí com isso ele foi me ensinando, foi me ensinando, aí aprendi. É. Eu aprendi. (Seu Ozenil, benzedor, 59 anos)

Dona Samara aprendeu a benzer com seu pai, ainda na infância. Além de ensinar, é preciso que o benzimento funcione, que cure aquilo a que se propôs.

Então assim, meu pai ele, ele benzia. Ele não era assim aquele benzedoor que tinha aquela obrigação de todos os dias tá ali, mas ele nunca falou não pras pessoas que chegavam em casa pedindo né o conhecimento dele. E com isso é ele passou pra gente né. Aí ele passou pra mim e e um dia assim por ironia do destino não sei ou era a minha sina mesmo, eu acabei benzendo meu próprio pai né, (risos) que ele mesmo que me ensinou. E aí um dia ele passou pra mim essa missão de benzer ele. E graças a Deus funcionou, deu certo. (Dona Samara, benzedora e raizeira, 60 anos)

Obviamente, não é necessário um certificado que resulta do aprendizado dos saberes. A legitimidade está na prática, nas vivências. Se um processo de cura não deu certo, se não resultou em melhora, ele não será legitimado pela comunidade. Por isso é importante para Dona Samara dizer que seu benzimento funcionou, seria como um

teste: seu pai a ensinou a benzer, ela o benzeu e sua eficácia foi comprovada com a cura. Para Oliveira,

O processo de produção e de legitimidade do seu ofício leva anos. Ele é um saber de práticas rituais, levado adiante por pessoas que possuem algum tipo de legitimidade na comunidade. Esse processo de conhecer é gerado em linguagem e forma simples, ricas e diretas. E para os seus iguais como um alguém de dentro da sua própria classe. Ele se dá dentro de um mundo vasto e inteiramente organizado, dividido internamente, habitado por símbolos e lógicas próprias. (1985b, p. 44)

Por meio desses processos e desses saberes complexos, tais sujeitos experienciam, no cotidiano, e dão sentido às suas existências. São – entre outras tantas – formas de interpretação da realidade e de re-existência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mapeamento de práticas tradicionais de cuidado e cura da comunidade de Mata Cavalo foi realizado de forma colaborativa, e acreditamos que os processos de cartografar esses saberes e práticas podem, além de contribuir para a visibilidade de diferentes sujeitos, promover reflexões e ações coletivas, servindo ainda de subsídios para a implementação de políticas públicas e projetos acadêmicos.

Percebemos, nos processos de cuidado e cura ali mapeados, três categorias fundamentais: a **espiritualidade**, a **ancestralidade** e a **coletividade** (incluindo aqui a natureza e os seres humanos). A partir de tais categorias, buscamos apresentar aqui tais saberes tendo em conta: uma cosmologia de saberes não dicotomizada (seres humanos/natureza), que requer saber ouvir e conversar com a natureza e com o sagrado; a ancestralidade, especialmente nos processos de transmissão de saberes (humanos e não humanos), o que nos leva ainda a uma discussão relacionada à descoberta e desenvolvimento do dom (habilidade) e, finalmente, os processos identitários e sentimento de coletividade entre saberes individuais e coletivos.

A percepção da vida de forma solidária e coletiva está ligada de forma orgânica aos saberes e práticas tradicionais de cuidado e cura, e o que buscamos ao realizar o mapeamento foi ressaltar tal aspecto e demonstrar sua indissociabilidade com relação a suas práticas. Como pesquisadores, como produziremos essa síntese de tantas contradições que as práticas de representação cotidianas nos revelam? Respeitar as contradições e perceber a dimensão da produção de sentidos e de significados pode ser um caminho que contribua para a produção intelectual e para a produção social de conhecimentos.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE, Maria Betânia Barbosa; SOUSA, Márcio Barradas. Saberes Culturais. In.: ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de; PACHECO, Agenor Sarraf (Org.) *Uwakürü*: dicionário analítico. Rio Branco: Nepan Editora, 2016.

ANDRADE, Adriane de. *O Movimento Aprendizes de Sabedoria (MASA): tecendo territorialidades de cura na disputa por saberes comuns*. Dissertação (Mestrado em Geografia). Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2019.

CAETANO, Edson; CABRAL, Cristiano Apolucena; BRITO, Flávia Lorena. Bem Viveres: possíveis significados, virtualidades e limites presentes na produção da existência dos Povos e Comunidades Tradicionais e Assentamentos. *Revista da ABET*, v. 19, n. 2, julho a dezembro de 2020.

GODELIER, Maurice. *O enigma do Dom*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

LEWITZKI, Taisa. *A vida das benzedoras: caminhos e movimentos*. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2019.

MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva*. Lisboa: Edições 70, 2017.

OLIVEIRA, Elda Rizzo. *O que é Medicina Popular*. São Paulo: Brasiliense, 1985a (Coleção Primeiros Passos).

_____. *O que é Benzeção*. São Paulo: Brasiliense, 1985b (Coleção Primeiros Passos).

SILVA, Regina; JABER, Michele. Metodologias e itinerários do mapeamento social da Comunidade Quilombola de Mata Cavalo, Mato Grosso, Brasil. In.: Encontro de Pesquisa em Educação da Região Centro-Oeste – Anped, 12, 2014, Goiânia, *Anais...*, Goiânia, 19 a 22 de outubro de 2014. Disponível em: www.fe.ufg.br/nedesc/cmv/DocumentoControle.php (acesso em 05/02/2022)

THOMPSON, Edward P. A venda das esposas. In.: *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo/SP: Companhia das Letras, 2005.

WALSH, Catherine. Interculturalidad crítica y pedagogía de-colonial: In-surgir, re-existir y revivir. En P. Melgarejo (Comp), *Educación Intercultural en América Latina: Memorias, horizontes históricos y disyuntivas políticas*. México: Universidad Pedagógica Nacional, CONACIT, Editorial Plaza y Valdés, 2009. Disponível em: <http://www.saudecoletiva2012.com.br/userfiles/file/didatico03.pdf> acesso em 23/02/2022.

NOTAS

1. Este texto é parte das reflexões que vêm sendo realizadas em tese de doutorado, tendo sido a pesquisa submetida ao Conselho de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Mato Grosso – CEP Humanidades, onde encontra-se registrada sob o número 34166620.0.0000.5690, e aprovada por meio do parecer de número 4.164.199. Todas as falas, entrevistas e imagens utilizadas neste texto foram devidamente autorizadas. Por isso, optamos por manter os nomes reais de nossos interlocutores e interlocutoras.

2. Conforme Walsh, utilizamos re-existir (e não resistir), já que no re-existir e no re-viver estão presentes processos de re-criação. (WALSH, 2009). Entendemos, assim, que no resistir o movimento parte daqueles que provocam a resistência por opressão, e no re-existir os sujeitos e grupos re-criam suas existências a partir de suas próprias percepções e experiências, retirando o protagonismo do opressor.

3. A cotidianidade dos fazeres no trabalho, nos rituais, nas relações sociais e com a natureza, nas festas, enfim, na existência concreta são alguns dos espaços constituidores destes saberes. A experiência da existência é o seu fundamento histórico, que assenta ontologicamente na práxis enquanto processo que é, simultaneamente, teórico e prático. É a partir da cotidianidade da produção da existência que estes saberes são produzidos e ao mesmo tempo, são requeridos à produção material e imaterial da vida, se fazendo e se refazendo diante de novas finalidades e

novas habilidades no trabalho e para além dele, constituindo, de fato, as condições essenciais para a existência. (CAETANO; CABRAL; BRITO, 2020, p. 288 e 289).

4. O projeto, desenvolvido por integrantes do GEPT (Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho e Educação) vinculado ao PPGE (Programa de Pós-Graduação em Educação) da UFMT (Universidade Federal de Mato Grosso), teve início em junho de 2021, e objetivou resgatar e salvaguardar saberes e práticas ancestrais de benzedoras e benzedores, da produção de garrafadas, raizadas, chás, lambedores e outras beberagens, por meio de um mapeamento e de processo formativo a partir de oficinas na comunidade quilombola de Mata Cavalo.

5. Ditado popular de origem africana.

6. Aqui a palavra dom refere-se mais a um saber de ofício, não devendo ser confundido com o conceito de Dom/Dádiva discutido nas páginas anteriores a partir de Marcel Mauss.

7. Espécie de xarope de grossa espessura que geralmente é usado para cura de gripes e pneumonias.

RESUMOS

Este artigo apresenta o processo de construção do Mapeamento de Práticas Tradicionais de Cuidado e Cura realizado no Quilombo de Mata Cavalo situado no município de Nossa Senhora do Livramento/MT de forma participativa, por meio do projeto de extensão “Conhecimentos tradicionais e o direito de reconhecimento de benzedoras e benzedores do Quilombo de Mata Cavalo/Nossa Senhora do Livramento”, financiado pela FAPEMAT. Nosso objetivo aqui é expressar que as pesquisas que envolvem mapeamentos e autorreconhecimento junto a povos originários e comunidades tradicionais podem incrementar a luta comum pelos territórios e a consolidação de direitos a partir das identidades coletivas. É uma pesquisa de cunho qualitativo, situando-se metodologicamente no bojo da Educação Popular, considerando a sabedoria das vivências e os saberes da experiência. Para a elaboração deste texto, utilizamos entrevistas e conversas realizadas durante o processo formativo e o mapeamento.

This article presents the Mapping of Traditional Practices of Care and Healing carried out in the “Quilombo de Mata Cavalo” located in the county of Nossa Senhora do Livramento/MT in a participative way, through the extension project “Conhecimentos tradicionais e o direito de reconhecimento de benzedoras e benzedores do Quilombo de Mata Cavalo/Nossa Senhora do Livramento”, financed by FAPEMAT. Our objective here is to express that research involving mapping and self-recognition with traditional communities can increase the common struggle for territories and the consolidation of rights based on collective identities. It is a qualitative research, placing itself methodologically within the scope of Popular Education, considering the wisdom of experiences and the knowledge of experience. For the elaboration of this text, we used interviews and conversations carried out during the formative process and mapping.

ÍNDICE

Mots-clés: saberes da experiência, educação Popular, educação não escolar, medicina popular, re-existência

Keywords: knowledge from experience, popular education, non-school education, folk medicine, re-existence